



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

RETRATOS DA MORTE: PRÁTICAS DE ETERNIZAR MEMÓRIAS SOBRE O ENTE QUERIDO EM RUSSAS-CE

Ana Cláudia Anibal Ribeiro*

FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E MORTE

1

Debruçaremos nossa reflexão acerca dos retratos de defuntos no ato do seu velório e sepultamento, frequentemente vistos junto aos remanescentes, na hora da última despedida. A imagem seduz pelas possibilidades que apresenta a seus espectadores e observadores. São entendidas como “representação visual do real”, desperta a imaginação, atua como objeto desencadeador da memória, amplia o alcance de compreensão. Pois apresentam uma linguagem universal, um mundo de símbolos que é compreendido em circunstâncias diversas, em culturas diferentes, sem a necessidade de se compreender outras línguas, outros símbolos culturais.

Reconhecer as imagens como possibilidade de memória é pensar sobre a relação que se mantém entre historiadores e imagens, uma relação que difere dos antigos donos das fotografias. No entanto, estão permeadas pela temporalidade, passado e presente, o que lhe dá múltiplos sentidos de interpretação, nos problemas propostos a elas, quando considerados como objetos de pesquisas e estudos.

* Mestranda em História e Culturas, pela Universidade Estadual do Ceará, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

As fotografias adquirem o sentido de objetos biográficos, se pensadas como objetos de valor para aqueles que as guardam ou que com elas apresentam ligações de ordem afetiva ou mesmo de silenciamento, afinal quando a velhice chega, restam poucas coisas que a tornam significativa, são as relações que se construíram com a cidade e seus espaços, com suas casas e seus eventos, suas memórias e seus sentimentos em relação ao passado.

Isto nos remete a pensarmos sobre a discussão apresentada por Frentess e Wickham (1992), segundo eles, além dos objetos biográficos também podemos compreender o estímulo da memória através dos “mapas”, que funcionam como desencadeadores de memórias. Na medida em que são compreendidos como “representações”, construídas individualmente ou coletivamente, capazes de fazer emergir informações ligadas a essas representações e aos sentidos que elas despertam no narrador. (FRENTESS; WICKHAM, 1992, p.31).

Tal apreciação se baseia no tema da subjetividade da memória, isto é, na representação que fazemos de nós próprios e daqueles que nos rodeiam, portanto, a memória é ainda e logicamente um fato social, que muda e evolue com o passar do tempo e detentora de sua própria história. No entanto, a memória foi se transformando, e do plano do social foi-se tornando-se cada vez mais privado. A demonstração disso vem desde a invenção das letras através das quais agora se poderia escrever a fim de não “esquecer” os registros. A escrita passou a ser considerada um adjunto da memória, com a intenção de preservar, assim passamos a viver a sociedade da escrita. Na verdade, hoje, o texto não tem mais se traduzido num auxiliar da memória, mas sim um substituto dela. Bem como os “mapas” que elaboramos para representar as coisas que nos chegam através das palavras.

A idéia de eternização dos momentos, através da fotografia, desperta nos observadores a subjetividade dos sentimentos passados, que eram ativados a partir do ato de “ver”. Segundo o autor Guilherme Koury (2008), “a fotografia provoca uma síntese na memória individual”, ocasiona a ativação das teias mnemônicas, em que as imagens assumem o sentido de revelação, portanto a utilização de imagens como lembrança provoca no observador o desencadear de lembranças, gestos, palavras e

ações, a ilusão da manutenção de um passado cristalizado pelas lentes dos fotógrafos, eterniza momentos e sentidos em imagens. (KOURY, 2008, p.102.).

ÚLTIMAS LEMBRANÇAS

A memória desencadeada pelas imagens proporcionava a leitura dos significados que não estavam presentes na fotografia, mas que se encontravam vivos na memória de seus observadores. As imagens fotográficas, por suas amplas possibilidades de visualização e entendimento permitiam leituras diferentes, dependendo de seus observadores, da realidade em que viveram, das experiências, que adquiriram, dos saberes que estavam imbuídos. Devido a isso destacavam-se a amplitude que adquiriram como objetos desencadeadores de memória.

Nesta perspectiva de análise, podemos salientar o “medo do esquecimento” e pela busca quase desesperada de manutenção dos laços, não parece nada além do que o avesso do desejo de obter uma última lembrança do seu ente querido. Segundo as palavras de Koury (2001).

O registro é uma busca quase desesperada de manutenção dos laços que unem o morto do ente querido, familiar ou social por ele representada. A fotografia da morte do ente que se foi representaria, assim, uma espécie de fundamentação de um pacto de continuação da rede familiar, através da evocação não do morto quando em vida, mas da lembrança do momento em que ele se foi. Momento final e momento prospectivo de continuidade das alianças que mantêm ou poderão manter os que ficam unidos. (KOURY, 2001, p.71-72).

Neste sentido, identificamos uma perspectiva social no uso da imagem do morto, era dos indivíduos quererem amenizar o medo do esquecimento, isso fica claro quando a foto era tirada com a família ou as pessoas do velório. A fotografia também funciona como um mecanismo de afirmação de que o morto não será esquecido. Desta forma, a imagem fotográfica faz reviver e funciona como um substituto da perda de uma pessoa querida é como meio para estimular lembranças.

O fato da fotografia fúnebre somente ser tirada com o morto já arrumado nos leva a pensar que a foto do defunto é um vínculo memorativo que quer guardar algo

mais do que a última imagem, mas também os sentidos construídos no velório para o ato de luto. Como se pode analisar no retrato abaixo.



Imagem mortuária 02.
Arquivo Pessoal: Ana Nunes, Russas-CE, 1975

4

Imagem com a participação de familiares, amigos contornam o caixão aberto e direcionam os olhares para a câmara ou para o defunto, em cena de despedida. No entanto, indicando a dor da família, e constantemente os indivíduos fazem pose próxima da urna, observamos que as crianças também participavam dos velórios, era muito comum a presença das crianças nos rituais fúnebres.

Na fotografia acima, identificamos que o cadáver está vestido com a mortalha fúnebre, mais comumente a de São Francisco. O relato de Maria Gerardina nos apresentou pistas sobre o significado do uso das mortalhas de santos:

A maior parte as mortalhas era em traje de santos, era mais em traje de São Francisco, só a mortalha marrom com o cordão de São Francisco na cintura, homem e mulher, quando era uma que se exigia assim, que as vezes a família dizia pelo nome da pessoa, dizia vamos amortalhar no traje de Nossa Senhora¹.

Em Russas, pudemos perceber que as pessoas também procuravam vestir-se iguais aos santos de sua devoção. Os homens e as mulheres normalmente eram

¹ Entrevista realizada com a Senhora Maria Gerardina de Araújo, 81 anos de idade em 25/10/2009 na comunidade Jardim São José, situada no município de Russas-CE.

adornados com vestimentas semelhantes às usadas por São Francisco. Algumas mulheres também usavam as vestes de Nossa Senhora da Conceição. Não obstante também existiam outros santos e referências às suas vestimentas, em Russas, suas referências são ínfimas. Como se averigua no retrato mortuário:



Imagem mortuária 03 - Segunda metade do século XX em Russas-CE
Arquivo Pessoal: Lairton Araújo

5

De acordo com João José Reis (1991), os trajes de santos sugerem um apelo à proteção dos mesmos, e sublinha a importância do cuidado com o cadáver na passagem para o além. Vestir-se de santo representava desejo de graça, imaginar-se perto de Deus, a roupa mortuária protegia os mortos e promovia uma integração bem-aventurada. (REIS, 1991, p. 92).

Assim, cada morto teria uma mortalha adequada para o seu sepultamento. Quando se tratava de moça virgem, aquela virgem era vestida de branco, usando véu e grinalda de flores brancas que representava a sua pureza, suas mãos eram fechadas como em adoração a Virgem Maria, e disposta entre suas mãos flores. Como se pode observar na foto abaixo.



Imagem mortuária 04 - Segunda metade do século XX em Russas-CE
Arquivo: Francisca Irene Sousa Chaves

Deste modo, as mortalhas de santos serviam para invocá-los de que protegessem na hora o morto em sua trajetória pós-morte, ajudando-o a fazer a sua passagem para o reino dos céus e o protegendo no dia da ressurreição para o julgamento do juízo final. As pessoas tinham devoção por determinados santos.

Nesse cenário, a narradora Maria do Carmo de Araújo, nos chamou a atenção para o enterro de uma moça, no qual ela participou:

Eu era moça e morreu uma moça na Água Fria ela tinha dezessete anos chamava Cordélia aí o enterro dela o que me chamou a atenção foi de Água Fria para Quixeré e foi só moça quem carregou essa moça, diziam que ela nasceu doente problema de sangue e no dia que ela foi moça com dezessete anos ela morreu, eu sei que passamos a noite nesse velório e fomos para esse enterro, só carregou ela moça agora não me lembro se era todas de branco².

De acordo, com os registros da folclorista Cândida Galeno (1977), quando morriam solteiros, rapazes ou moças, o enterro era diferente, o caixão azul as coroas e flores que acompanhavam eram brancas, símbolo da virgindade. Em Juazeiro do Norte, quando morria uma moça, o enterro só poderia ser acompanhado por moças e crianças, em respeito a pureza da morta. (GALENO, 1977, p.29).

² Entrevista realizada com a Senhora Maria do Carmo de Araújo, 65 anos de idade em 11/08/2009 em Russas, Ceará.

Outro aspecto de grande relevância para nossa pesquisa, as vestimentas do cadáver Infantil. Era comum vestirem as crianças com os trajes do santo de seu nome: se o pequenino se chamasse Francisco, por exemplo, ia vestido com o hábito de monge. Ao trajar as criancinhas com as roupas dos santos os pais imaginavam garantir que seu rebento não ficaria desamparado no outro mundo, estando guardado sob os cuidados desses santos.

A respeito das vestes infantis, Vailate (2005) observou que as mortalhas brancas eram as mais utilizadas pelas crianças, confirmando a existência de uma crença em que o guri era associado aos tributos de pureza e inocência. A associação feita entre “inocência” infantil seria pelo fato da criança não ter feito sexo, em vida e as moças virgens também estavam inseridas nesse aspecto religioso. Assim as moças castas eram enterradas do mesmo modo que as crianças.

Tal análise ajuda-nos a perceber que, em Russas, nos funerais infantis os “anjinhos” geralmente eram amortalhados com vestidos brancos, simbolizando a pureza, a ausência de pecado e a assexualidade do anjo. Por isso, indistintamente, meninas e meninos eram amortalhados, usando vestido branco.

7



Imagem mortuária 06.
Arquivo Pessoal: Elizabeth Estácio, Russas-CE, 1986

O retrato fragiliza o observador, primeiro por apresentar uma criança arrumadinha, cor de pele clara e às vestes de cor branca e com os olhos abertos, que em seguida atenta ao espectador a pureza do ser criança. Por outro lado, logo a estética de

cores e disfarces acerca do ato do morrer leva a achar bonito ou prestar atenção na própria arrumação do pequeno ser. Na composição da imagem, a solidão da criança faz reafirmar na dor e emoção que a reprodução da fotografia nos remete.

Assim, ideias e associações recorrem ao cotidiano explicando-o como trágico. O estar ali ao alcance dos olhos e longe no tempo e espaço remete a emoção a idéia de encantamento, a criança não está morta, ela dorme.

Na fotografia acima, além dos olhos abertos, (anjinhos sempre ficam os olhos abertos), a criança já morta traz na cabeça um resplendor como uma espécie de toca. Esse resplendor funcionava como guia para os olhos desprovidos de conhecimento sobre o trajeto a ser percorrido. Assim a própria associação com os santos e anjos barrocos, o resplendor era a expressão da aureola. Para os familiares do bebê recém-morto, a fotografia funcionará como prova de que a criança partiu preparada para sua longa viagem em direção ao paraíso. Para o historiador, interessado na decodificação da imagem, esse tipo de fotografia é o testemunho de uma das formas de manifestação do imaginário popular cristão.

8



Imagem mortuária 07.
Arquivo Pessoal: Elizabeth Estácio, Russas-CE, 1986

Na foto acima, o observador enquadra o seu pensamento na representação fotográfica, e segue a sua leitura: o caixão infantil parece-se com um berço, o que

reforça a idéia de estar dormindo. Segundo a narradora Dona Maria Gerardina de Araújo expõe: *“Os anjinhos, a mortainha azulzinha bem feitinha, o resplendor na cabeça que a gente, eu mesmo fazia de papel dourado e qualquer coisa e no velório de anjo não se chorava e para anjo não se rezava³”*.

Assim, apreendemos que não era qualquer pessoa que poderia vestir a mortalha em uma criança, teria que ser um indivíduo que tivesse prática em vestir defunto, essa pessoa teria que ser proba, honesta e devota. Nos funerais de anjinho havia determinadas particularidades e a depoente Dona Ana Felícia Chaves apreendeu:

O anjinho os olhos são arrejalinhos [são os olhos abertos], não olhar ali, passava a noite olhando, anjo não fecha os olhos não, porque é Deus. Anjo veste branquinho, e Jesus é a bolinha [O anjo carrega entre suas mãos uma bolinha] é a bola do mundo, que é Jesus é uma bolinha redondinha, o pessoal diz que quando nosso senhor ia passar no barco, ao só foi história que o pessoal conta, quando nosso senhor era com uma bolinha, só o menino carregava essa bolinha⁴.

Segundo a crença popular do nordeste, quando morriam anjinhos, ainda não acostumados com os acontecimentos da vida e quase sem conhecer as coisas de Deus, era preciso que seus olhos fossem mantidos abertos para que pudessem encontrar com mais facilidade o caminho do céu. Pois com os olhos fechados, os anjinhos errariam cegamente pelo limbo, sem nunca encontrar a morada do Senhor.

Um dos adornos que era sobreposto na criança (anjo) seria uma bolinha que ficava entre as mãos do anjinho, para a entrevistada o sentido dessa bolinha seria Jesus Cristo, consideramos que o termo “bolinha” aludido pela narradora seria um guia para o anjinho no mundo pós-morte, desta forma fazendo referência ao menino Jesus de Praga.

³ Entrevista realizada com a Senhora Maria Gerardina de Araújo, 81 anos de idade em 25/10/2009 na comunidade Jardim São José, situada no município de Russas-CE.

⁴ Entrevista realizada com a Senhora Ana Felícia Chaves, 80 anos de idade em 25/10/2009 na comunidade Jardim São José, em Russas-CE.



Imagem mortuária 08 - Segunda metade do século XX em Russas-CE
Arquivo Pessoal: Lairton Araújo

Morte infantil, retrato do caixão, sem a presença de familiares, padrão comum de fotografia durante todo o século XX. Segundo Koury (2001), fotografias de crianças mortas além de tudo, possuíam o sentido, e ainda possuem, de anúncio da paz e da alegria inocente daquele que se foi. Faz parte de uma tradição cristã que crê a criança como um espírito puro, como um espírito de luz, que possibilita uma intermediação precisa entre os parentes que ficam com Deus.

Portanto, o registro fotográfico, assim, além de lembrar a criança retirada do mundo dos vivos precocemente, tinha ainda deter sentido de proteção da família e daqueles que o possuem, como uma fonte permanente de contato com o divino, a cada momento de sua evocação através da fotografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Superstição no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. Recordar. In: *Memória Social: novas perspectivas sobre o passado*. Lisboa: Teorema, 1992. p. 13-58.

GALENO, Cândida. *Ritos Fúnebres no Interior do Ceará*. Fortaleza: Ed. Henriqueta, 1977.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: *Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural*. Sandra Jatahy Pesavento, Nádia Maria Weber dos Santos, Miriam de Souza Rossini; Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p.11-18.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Fotografia como objeto de memória: Produto técnico e suporte ideológico na conformação do homem ocidental*. In: *Domínios da Imagem*. Londrina, ano I, nº2, maio de 2008.

_____. *Você fotografa seus mortos? Fotografia e morte no Brasil Urbano*. In: *Imagem e memória: Ensaio em antropologia bisual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

REIS, João José. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1991.

RIEDL, Titus. *Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste Brasileiro*. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secult, 2002.

VAILATE, Luiz Lima. *A morte menina: Práticas e representações da morte infantil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.